

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COO XUD 01

BIBLIOTECA PARTICULAR
- DE -
GERALDO C. LAPENNA

Prof.
Geraldo Lapenda

Catedrático de Língua
e Literatura Grega

O DIALETO XUCURU

A primeira parte deste trabalho (de 1.1 a 1.6) se constitui, exclusivamente, de material fornecido pelo prof. Raimundo Dantas Carneiro, chefe da 4.ª R.I. do Serviço de Proteção aos Índios. Chego, muitas vezes, a usar suas próprias palavras.

Nas partes seguintes procuro fazer um esboço, tanto quanto possível, da estrutura da língua dos índios Xucurus, baseado apenas em informações prestadas por Cicero Cavalcanti, auxiliar de inspetor do S.P.I., que coligiu as frases, transcritas no final deste estudo, e também um pequeno vocabulário. Posteriormente entrei em contacto com os índios Luis Romão de Siqueira (Peteregwe) e Jardelino Pereira de Araújo (Mãojê) que me dirimiram certas dúvidas.

X X X

1.1 Os Xucurus habitam nas proximidades da aldeia de Cimbres, no Município de Pesqueira. Vivem em malocas, espalhados pela Serra do Ororobá (ou Urubá), nas localidades denominadas Canabrava, Brejinho, Cajueiro, Ipanema Velho, Caldeirão, Jitô, Lagoa, Machado, Sítio do Meio, Riacho dos Afetos, Trincheiras, Bem-te-vi, Santana, São José. Destas, as duas primeiras são as mais habitadas.

Parece que outrora êsses índios ocupavam uma extensa área, a qual abrangia os Estados de Pernambuco e Paraíba, desde Caruaru até Alagoa do Monteiro, e que portanto compreendia principalmente os Municípios de Caruaru, Brejo da Madre de Deus, Belo Jardim, Sanharô, Poção, Pesqueira, Arcoverde.

1.2 Na maioria são analfabetos. Só em 1954 é que, por intermédio do dr. Raimundo D. Carneiro, o S.P.I. criou o Pôsto Xucuru, no local denominado São José, onde há uma capelinha antiga. Aí se mantém uma escola com quase uma centena de alunos. Em 1957 se fundou outra escola em Brejinho.

1.3 A população é hoje misturada com brancos e negros. Incluindo os mestiços, são aproximadamente 2.200 caboclos. Em 1749, havia somente 642 indivíduos puros; em 1951, cerca de 1.500 puros e mestiços.

1.4 Os mais moços só falam o português. Os mais velhos ainda conservam muitos vocábulos do seu dialeto, com os quais se exprimem, auxiliados pelo português e usando a sintaxe portuguesa.

1.5 Nos dias de feira, isto é, nas quartas e nos sábados, os índios descem da serra e expõem suas mercadorias à venda: frutas, flores, raízes, verduras, beijus, bolsas, abanos, chapéus, etc.

1.6 Embora sua religião seja hoje a católica, os índios mais velhos praticam ainda o rito antigo, mais conhecido por "segredo". Fazem-no, porém, às escondidas, por causa da polícia que alega essas praticas serem catimbó.

Anualmente, na véspera das festas de São João e São Pedro, todos vão à vila de Cimbres dançar o "toré" em louvor a esses santos e a Nossa Senhora das Montanhas. Para isso, usam vestes características, recamadas de palha de milho, que amarram nos ombros, nos braços, na cintura, nos joelhos e nas pernas; na cabeça põem um barrete enfeitado de manjerição, rosas e outras flores. Durante o "toré", um caboclo fica de parte tocando gaita, enquanto os demais dançam formados em grupos de dois, cada um com um cacete na mão, batendo no chão e sapateando. Algumas vezes, cantam; outras, dão fortes assobios para reunir os companheiros.

No dia 2 de julho, festejam Nossa Senhora das Montanhas: fazem uma grande fogueira e dançam, ora em redor desta, ora perto da igreja, com vivas à Mãe de Deus.

1.7 Aproveitarei aqui a oportunidade para dar as palavras relacionadas com a religião e com o rito:

Putú, Paité = Deus	jubêgo = feiticeiro
Papá Duá = Nosso Senhor	jetô = espírito
Taminn = Nossa Senhora	jetô jêti = invocar os espíritos
Taman-in-a = N.S. das Montanhas	jiton = fumar durante o rito
prayá = rito	xanduré = cachimbo do ritual
inkant = reunião ritual	

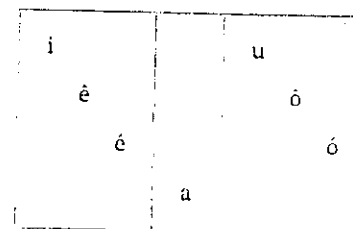
jusa = vinho feito de jurema, oferecido aos espíritos.
ukrinmakrinkrin = comida, preparada com mocó, oferecida aos espíritos.

X X X

2.1 Igual ao da língua iatê, falada pelos índios Fulniós, de Aguas Belas, também o sistema articulatório puramente oral do vocalismo xucuru é o mesmo que o do português.

Com a língua em posição normal, pronuncia-se a vogal central a. As outras vogais são formadas com a língua fora da posição normal, em três níveis: alto (i, u), médio (ê, ô), baixo (é, ó).

Destas, três são anteriores (com o pré-dorso da língua em confronto com o pré-palato) e não-arredondadas: i, ê, é; três são posteriores (com o dorso da língua em confronto com o véu palatino) e arredondadas: u, ô, ó.



2.2 Essas vogais podem ainda ser acompanhadas de ressonância produzida na cavidade nasal.

Por motivos tipográficos, sou infelizmente forçado a usar o n, depois de vogal, para indicar-lhe a nasalidade: an, en, in, on, un (onde portanto o n equivale ao nosso til):

gahanxo (ga-han-xo) = boi
lungin (lun-gín) = sal
menmengo (men-men-go) = bode
marinha (ma-rin-ha) = boi
amun (a-mún) = farinha de mandioca
wanmanx (wan-man-x) = onça
jetonm (je-ton-m) = gato
taminn (ta-min-n) = Nossa Senhora
nennen (nen-nen) = dizer
xennunpr (xen-nun-pr) = índio
manntu (man-n-tú) = tatu-bola.

No caso de uma vogal nasal seguir-se de outra vogal ou de uma semiconsoante, emprego o hífen para que ninguém pronuncie esse n (que é mero sinal diacrítico) como consoante línguo-dental nasal:

Taman-in-a (ta-man-in-a) = N.S. das Montanhas
kréun-inxo (kré-ún-in-xo) = pinto
gon-yá (gon-yá) = dormir
tuman-igú (tu-man-i-gú) = arma de fogo

2.3 Todas as vogais têm normalmente a mesma duração. Não há portanto diferença fonológica entre longa e breve no xucuru. Nem há vogais faríngeas como as existentes no iatê.

2.4 Há duas semiconsoantes ou semivogais (y, w), semelhantes às do iatê e do cariri. A língua se coloca em nível mais elevado que no da prolação das vogais i e u, respectivamente:

mayópó = intestino, ventre
awiko — rapazola
tan-yen = bêbado
wanmanx = onça

2.5 Nos vocábulos que tenho à mão, não encontrei ditongo nasal algum, mas apenas quatro ditongos orais decrescentes: aw, ay, êw, êw:

zinbaw = café
 itay = dinheiro
 befew = melancia
 tew = água

Podemos acrescentar os ditongos crescentes wa, wan, wê e wê. Embora sempre unidos à velar surda k, devem ser considerados como ditongos. Creio que o k e w não chegam a formar uma só consoante veio-labial, igual à que se encontra p. ex. no latê, porque no xucuru o w não indica apenas a labialização do k, mas se sente como semivogal separada:

sakwären = faca
 iankwan = venha cá
 kwêbra = pedra
 mankwê (ou mankué) = negro

2.6 Quanto às consoantes, as quais divido em ruídos e sons, prefiro apresentá-las no seguinte quadro:

	RUIDOS				SONS		
	Oclusivas		Fricativ.		nasais	orais	
	surdas	sonoras	surdas	sonoras		lateral	vibrante
Bilabiais	p	b			m		
Lábio-dentais			f	v			
Linguo-dentais	t	d			n	l	
Linguo-alveolares			s	z			r
Linguo-palatais			x	j			
Linguo-velares	k	g					
Laringea				h			

O r é uma vibrante simples, igual ao do português na palavra "caro". O h é uma fricção sonora da laringe (diferente do h inglês, que é surdo) e corresponde ao nosso r múltiplo, mas pronunciado sem qualquer vibração uvular ou velar ou lingual, conforme acontece aqui no Nordeste e em várias outras partes do Brasil.

2.7 Todas as consoantes (com exceção de b, f, v, l) podem en-

contrar-se em posição final de sílaba ou de palavra: Contudo essas consoantes finais têm prolação completa, passando pelas três fases: **catástase, articulação sistente, metástase**. Quase se percebe, após elas, um como som vocálico brevíssimo semelhante ao i. Isto se dá principalmente quando se acham no fim de palavras. Creio que talvez seja defeito de pronúncia dos índios atuais, como também o é quando alguns proferem o o átono final como u, certamente influenciados pelo português.

wannanx (i) = onça
 xennunpr (i) = índio
 Taminn (i) = Nossa Senhora
 jetonm (i) = gato
 amank (i) = animal, boi

Portanto a transição entre duas consoantes é sempre aberta, e também não há fonema consonântico geminado. Somente os grupos, cujo segundo fonema é vibrante ou uma lateral, têm transição fechada. Os principais encontros consonantais são: pr, br, kr, kl, px, tk, tm, tx, dg, kx, gz, st, zm, hg, hm, nt, sk. Os seis últimos podem ter igualmente transição fechada.

a) pró = velho kréká = cabeça
 akôbra = banana klarihmon = lua

b) kapxégo = cadáver xetkubú = brasa, fogo
 inkutmen = de tarde utxaká = timbu, gambá
 madgoz = tripa krikxé = chover
 zangzag = carneiro stongo = fumar
 suska = arapuá zmaragugo = carnívoro
 lemolahgo = terra klarihmon = lua
 manntú = tatu

2.8 Em algumas palavras encontrei ensurdecimento do j inicial. Talvez se trate, pelo contrário, de sonorização do x, porque não posso estabelecer qual a forma básica:

jupegúgo, xupegúgo = mentiroso
 jigo, xigo = milho

2.9 Procurei determinar a frequência fonética, baseado nos vocábulos todos que tenho coligidos. Tomando como 100% o total da soma dos fonemas repetidos, obtive o seguinte resultado (aproximado), em percentagem:

k	7,72	p	3,45	z	0,77
r	6,85	j	2,30	d	0,77
t	5,40	b	2,30	h	0,38
g	4,63	l	2,30	f	0,38
x	4,24	n	1,54	v	0,07
m	3,45	s	1,15		
a	12,35	é	2,30	in	3,08
u	6,55	ó	1,92	an	2,65
i	6,17			en	2,30
ô	6,17			on	1,92
e	3,08			un	0,77

2.10 Quanto ao acento, pelo que pude observar, só há palavras oxítonas e paroxítonas. Se antes o acento era intimamente ligado ao tom (como ainda hoje é o do iatê), nada se pode provar; o certo é que, no presente, ele é apenas de natureza dinâmico-espíratória.

Parece que sempre são oxítonas as palavras acabadas em:

- a) i, u,
- b) vogal nasal
- c) ditongo
- d) consoante
- e) vogal precedida de y ou j

X X X

3.1 Nada mais resta dos pronomes pessoais, dos possessivos, dos demonstrativos, dos relativos, dos indefinidos. Nenhum exemplo dos numerais; nem de preposições (ou "posposições"), nem de conjunções, nem de interjeições.

Dos advérbios, ainda subsistem a negação biá (talvez antigo sufixo, como *dode* no iatê) e algumas locuções temporais que parecem conter a preposição portuguesa "em" transformada em i nasal (in):

- non-yen biá = não falar
- in bemen = de manhã
- in kutmen = de tarde
- in tataramen = de noite

A conjugação verbal, com os possíveis modos e tempos, desapareceu totalmente, e não há indício algum de como o substantivo e o adjetivo podiam variar em gênero, ou em número, ou mesmo em tempo e em classe.

3.2 Nota-se a frequência do sufixo *go* nos verbos, nos nomes verbais de agente, nos adjetivos e até em nomes de animais (que antes deveriam originar-se de nome verbal, como acontece no iatê):

- | | |
|-------------------------|--------------------------|
| a) arágo = matar | kupágo = espancar, matar |
| xikúgo = defecar | xabrêgo = urinar |
| montógo = correr | uyuingo = copular |
| stóngo = fumar | kringó = comer |
| ajigo = prender | etc. |
| b) xukégo = ladrão | jubêgo = feiticeiro |
| konengo = bom | katongo = feio |
| c) bengo = preá | jabrêgo = cachorro |
| lanprêgo = onça | menmengo = bode, cabra |
| tantango = gato-do-mato | |

Este mesmo sufixo aparece também unido a outro, para formar nome (adjetivo, substantivo):

- inbrugúgo = guloso, gula
- jupegúgo = mentiroso, mentira
- zmaragúgo = carnívoro
- tayegêgo = doente, doença
- kré agúgo = chapéu (coberta da cabeça)

3.3 Muito usado também (mas muito menos que *go*) é o sufixo *men*, cujo significado é difícil de determinar, embora às vezes pareça ter valor adverbial de tempo, e às vezes formador de adjetivo:

- in bemen = de manhã
- in kutmen = de tarde
- komenmen = bom dia!
- lakutmen = boa tarde!
- koriko pexerumen = mocó (animal)
- koriko mandumen = preá

3.4 É interessante a semelhança de forma e de sentimento entre o sufixo *go* do xucuru e o sufixo *go* (com suas variantes *ko*, *gu*, *ka*, *ke*, *he*, *se*) que existe em vários dialetos do Amazonas: tucano, wanana, kubewana, etc.

a) Tucano:

- yoagó = comprido
- ayungô = bom
- in-aangô = mau
- kahtigo = vivo
- etc.

b) Wanana:

- | | |
|---------------|------------------|
| nenga = ver | matsinga = saber |
| tôoga = ouvir | huíga = temer |
| taga = vir | phanga = bater |
| waga = dar | etc. |

c) Kubewana:

- | | |
|-----------------|--------------------|
| meako = bom | amenko = mau |
| dariko = liso | poraorako = peludo |
| in-hiko = curto | etc. |
| bwáhako = bater | on-hako = escavar |
| wehako = temer | etc. |

X X X

4.1 Da língua xucuru, só existem hoje vocábulos que designam meramente o conceito, em si, sem qualquer determinação de categoria (gênero, número, pessoa, etc.). Ou, melhor, só restam nomes. Sim, porque do verbo permanece unicamente a forma nominal, e o adjetivo é também nome:

- kringó = comer, comida
- xurak = fome, faminto, ter fome
- jupegugo = mentiroso, mentira, mentir

4.2 As frases coligidas por Cícero Cavalcanti, que se acham no final deste trabalho, são mero aglomerado de palavras sucessivas, com relação sintática fictícia. Houve, por parte do índio que formulou tais frases, ou por parte do branco que as colheu, intenção de serem usadas unicamente palavras xucurus. Mas isto não correspon-

de à realidade, porque em suma esses índios apenas falam o português, embora enriquecido por uma centena de palavras de sua antiga língua. Só o artigo e o verbo 'ser' costumam ser omitidos (prova de que no verdadeiro xucuru havia a frase nominal pura e não existia artigo).

Tomemos como exemplo as duas primeiras frases do elenco:

"O caboclo está com raiva do branco"
"O feiticeiro embriagado deu uma pancada na cabeça da moça"

Os índios as expressam, não exatamente como informaram ao C. Cavalcanti, mas do seguinte modo:

"xennunpr está com man-yógo de karé"
"jubrégó jog fez kupago na kreká de tiopéu"

Igualmente, para traduzir "o índio morreu", podem dizer: "xennunpr virou kupun", que literalmente significa "o índio virou defunto". E assim por diante.

4.3 O xucuru deveria ter sido uma língua de relação pura. A ordem das palavras podia servir para exprimir conceitos.

Essa relação era regressiva, como no tupi e no iatê, e diferia da do cariri, em que é progressiva. Isto se pode observar nos poucos exemplos de compostos endocêntricos:

(kré-ká = cabeça; agugo = coberta, cobrir)
kré-agúgo = coberta da cabeça (= chapéu)

X X X

5.1 Causa pasmo haver, para o mesmo conceito, duas ou três ou quatro palavras com igual significado:

cabelo = avenko, exék, unj
gambá = totiko, utxaká
nariz = axéko, xikrin
onça = lanprégo, wanmanx
ovelha = burudo, zangzag
pequeno = akrugó, bibi, gingin, krinin, kuít
cacéte = konkré, ximbó
bom = konengo, pirara
ôlho = axó, piganman
negro = taka, gon-yê, mankwé, jupú
faca = sakwaren, t. l. óa
mau = awixo, irú, inbrugúgo
água = kaité, téw, xakr
correr = montógo, onbrêra
feio = katongo, waga
sal = inkin, lungin
terra = lemolahgo, kraxixi
velho = pró, tayópo
barriga = mayópó, tuyá
boi = gahanxo, marinha
cachimbo = makringó, xanduré
gado = xafangú, amank

menino = jeút, mayópipo
pedra = kwébra, kreké
Deus = Putú, Paité
etc.

Isto pode ser razoável em uma língua que se encontre em sua pujança, em seu uso completo. Mas no xucuru, desfeito em sua estrutura e que vive só de vestígios, tal fato parece esquisito.

Contudo creio que essa multiplicidade de sinônimos se deva às seguintes causas:

a) Os xucurus hodiernos devem ser o resultado, não de uma tribo única, mas da mistura de indivíduos de tribos diferentes; mistura essa um tanto recente, de tal forma que ainda se conservem de cada grupo vocábulos da própria língua de origem.

b) Palavras há só empregadas no ritual religioso, diversas das do uso vulgar.

c) Em se referindo a animais, alguns vocábulos devem ser termos convergentes, cada um antigamente aplicado a indivíduos do mesmo gênero, mas de espécie diversa.

d) Finalmente pode haver o caso em que se trate de verdadeiros sinônimos da antiga língua.

5.2 Dentre as palavras portuguesas, há uma que recebeu certa modificação semântica:

(chaminé) ximinéw = fumaça

Suponho também que a forma "charco" do português tenha dado origem à palavra xakr (= água, rio). "Se non é vero, é bene trovato".

5.3 O tupi contribui, de certo modo, com alguns vocábulos. Esta contribuição parece ter sido remota; ou mesmo posterior, através do português. Algumas vezes (o que igualmente se verifica quanto ao iatê), tal influência pode não parecer muito exata:

XUCURU

TUPI

ximbó = cacéte
tuyá = barriga
Paité = Deus
murasí = sol
karé = homem branco
xako = casa
téw = água
sakwaren = faca
itay = dinheiro
poyá = pé
inkin = sal
akóbra = banana

s-embó = cacéte
t-yé = barriga
pai-eté = senhor verdadeiro
kwarasy = sol
karaíba = homem branco
s-oka = casa
t-y = líquido, água
takwar = (faca de) taquara
itajuba = dinheiro
py = pé
jukyra = sal
pakoba = banana

5.4 A contribuição fulniô parece a mais recente, e talvez bem

recente. Algumas palavras são exatamente iguais às do iatê; outras apenas semelhantes; outras, pelo menos, as lembram na forma:

XUCURU

suska = arapuá
xiá = frio
fekia = ticaca
xua = vento forte
tiloa = faca
saká = feijão
teadusaká = peru
nennen = dizer
itoka = fogo

akó = filho
tuxá = doce
jusa = vinho de jurema
nekrétá = cacique
inxá = carne

IATÊ

suska = arapuá
xiá = frio
fekia = ticaca
xwmá = vento forte
thloá = faca
natsaká = feijão
watsaká = peru
ne = dizer
towe = fogo
i-to-ka = tocar fogo
e-ka = filho
e-xá = doce
khoxa = vinho de jurema
e-fkhéthá = dirigente
útxi = carne

X X X

6.1 Não posso deixar de anotar certas semelhanças coincidentes no xucuru e na língua dos índios do Amazonas, sobre os quais falei anteriormente, quando me referi ao sufixo *go* (Cfr. 3.4). Podem ser meras coincidências, mas também pode ser útil apresentá-las:

PIRA-TAPUIA

konono = bom

KUBEWANA

kerabo = pedra

KUMADENE

ka-inirhidari = marido

IDEMASÁ

bökö = velho
nigeaga = mau
yábea = não

XUCURU

konengo = bom

kwëbra = pedra

arideri = marido

wakó = velha
waga = mau, feio
biá = não

6.2 O presente estudo (além de ser um resumo, um tanto apresado, do que estou realmente fazendo) necessita de mais elementos que sirvam de base para uma comparação melhor entre o xucuru e as demais línguas indígenas, pois o exíguo número de vocábulos ainda existentes e a falta completa de morfologia e de sintaxe não me possibilitam a classificar esta língua em qualquer grupo lingüístico do Brasil. Tudo giraria em torno de hipóteses secundadas por alguma analogia de forma e de sentido por acaso encontradas. Mas, conhecendo bem o tupi e o iatê, e tendo regular conhecimento do cariri, posso afirmar com segurança:

DOXA

OS XUCURUS NÃO SÃO TUPIS NEM FULNIÓS,
E MUITO MENOS CARIRIS.

X X X

Para terminar, transcrevo as frases que o Cícero Cavalcanti colheu e que, repito, são sintaticamente artificiais:

- | | |
|--|---|
| 1) xenunpr man-yógo karé | 1) O caboclo está com raiva do branco. |
| 2) jubégo jog kupágo krèkà tió-pipo | 2) O feiticheiro embriagado deu uma pancada na cabeça da moça. |
| 3) xennunpr kringó xoxógo kuit | 3) O índio comeu um pequeno pedaço de beiju. |
| 4) inxa xangzag konengo | 4) A carne do carneiro é boa |
| 5) urika karé konengo | 5) A bebida do branco é boa |
| 6) xennunpr tayegégo xurak | 6) O índio está doente de fome |
| 7) tapipo montógo arágo tumanigü xakrok, tapipo teregonmen xurak | 7) A menina foi matar com arma de fogo o tatu, ela chegou com fome. |
| 8) xurak, xugin konengo kringó | 8) Eu tenho fome, o feijão está bom de se comer. |
| 9) kringó tuxá, pirara kaité xiá, xáko onbria pró | 9) Comi doce, com boa água fria, em casa de meu velho camarada. |
| 10) tapuka tigá konengo kringó | 10) A galinha assada está boa de se comer. |
| 11) tapuka kringó kuit jigo | 11) A galinha comeu muito pouco milho. |
| 12) befêw konengo kringó | 12) A melancia está boa de se comer. |
| 13) wanmanx kringó mienmengo | 13) A onça comeu o bode. |
| 14) amank arágo gon-yê xako | 14) O boi matou o negro em casa. |
| 15) xako irú biá | 15) A casa não é ruim. |
| 16) pininga montógo xako Paulo | 16) O cavalo foi-se embora para a casa de Paulo. |
| 17) pininga pirara montógo | 17) O cavalo é muito bom de se viajar. |

DOXA

- 18) Pedro intataramen kebogó
konkré xikrin, xukégo jí-
bongo kuit
- 19) Pedro xukégo pitinga jabrêgo
akrugó onbriá
- 20) karé xukégo gurinxáún akó
xennunpr inkutimen
- 21) arederi ajigo xennunpr
- 22) jígo konengo inxa tapuka
- 23) inxa inkín konengo
- 24) amun konengo
- 25) sanzara arágo tepô
- 26) akó jadirimén irú
- 27) xenn awiko pípara, pírax
- 28) mayópipo krêxa katongo
- 29) tapipo karé tóé
- 30) jéút xukégo kréagúgo onbriá
- 31) téw xiá konengo tuxá
- 32) pepuko João konengo biá
- 33) tapipo xennunpr pírax, tapipo
potá pípara
- 34) xennunpr poyá tayegêgo
- 35) Manú zmaragugo bengo
- 36) tazip pró waga
- 37) krenj irú
- 38) gon-yê poyá katongo
- 39) batukrin xiá konengo
- 40) tayópo nen-yen biá xukurú

- 18) Pedro de noite matou uma
pessoa de cacetada no nariz,
para roubar uma quantia in-
significante.
- 19) Pedro roubou o cavalo e o
cachorrinho de seu camarada.
- 20) O branco roubou a fava do
filho do caboclo à tarde.
- 21) O soldado prendeu o índio.
- 22) O milho é bom com carne de
galinha.
- 23) A carne salgada é boa.
- 24) A farinha de mandioca é boa.
- 25) A cobra matou a raposa.
- 26) O filho do soldado é ruim.
- 27) A flor do rapazola é muito
boa e bonita.
- 28) O menino do mulato é feio.
- 29) A menina do branco é mo-
desta.
- 30) O menino roubou o chapéu
de seu camarada.
- 31) A água fria é boa com doce.
- 32) A rede de João não é boa.
- 33) A índia é muito bonita, eja
dança muito bem.
- 34) O índio está com o pé doente.
- 35) Manuel é comedor de carne
de preá.
- 36) O sapato do velho é feio.
- 37) A lenha é ruim.
- 38) O pé do negro é feio.
- 39) O dia frio é bom.
- 40) Meu avô não fala o xucuru.

41) karé Pesqueira nen-yen
xennunpr xukurú munkunj,
karé xupegúgo

41) O povo de Pesqueira diz que
o índio xucuru é preguiçoso,
isto não é verdade.

42) karé xukégo kraxixí xukurú
Urubá, xennunpr nan-yógo

42) Os brancos tomaram as ter-
ras dos índios da Serra Uru-
bá, e eles ficaram com raiva.

Há ainda uma frase xucuru, que parece legítima, com talvez al-
guma deturpação fonética, e cujo significado literal os próprios ín-
dios desconhecem:

kanbay zipotay = valha-me Deus!

Em tôdas as frases acima citadas, restringi-me a transcrever, sem
alteração de qualquer ordem, a mesma tradução fornecida pelo Ci-
cero Cavalcanti. Apenas adaptei as palavras xucurus ao meu siste-
ma gráfico.

Recife, 20 de agosto de 1962.